RESENHA

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.) *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. 664p.

**Ana Elisa Ribeiro**

Docente do PPG em Estudos de Linguagens e do bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

A obra *Impresso no Brasil* pretendeu lembrar e celebrar os duzentos anos da chegada da imprensa no país. Enquanto Napoleão Bonaparte cumpria sua vontade de domínio na Europa, os portugueses cediam à necessidade de refúgio na colônia, trazendo então para o Rio de Janeiro o equipamento que mudaria os rumos e as circunstâncias da imprensa, das publicações, da educação, do letramento e do mercado editorial brasileiro.

*Impresso no Brasil*, organizado pelos eminentes pesquisadores do livro e da leitura Aníbal Bragança (UFF) e Márcia Abreu (Unicamp), é uma obra de 664 páginas, dividida em duas grandes partes, que agrupam 35 capítulos, além da apresentação (escrita pelos organizadores), de uma Introdução (por José Mindlin) e das referências citadas ao longo dos trabalhos. É importante mencionar a importância dessa seção de referências, que agrupa grande parte da bibliografia relevante para os estudos em edição, servindo como uma espécie de mapeamento de fontes e documentos.

A primeira parte, intitulada “Uma nova história editorial brasileira: editores, tipógrafos e livreiros”, apresenta 22 capítulos que focalizam, prioritariamente, aspectos da produção editorial nacional. Já a segunda parte, “Cultura letrada no Brasil: autores, leitores e leituras”, reúne treze trabalhos cujo objeto de análise e interpretação é a formação do leitor ou do público para o qual se dirigia nossa produção editorial ao longo das décadas.

*Impresso no Brasil* é um livro de História. A maior parte dos capítulos traz resultados de pesquisas feitas com base em documentos, arquivos e publicações que precisaram ser recuperadas, muitas vezes com esforço.

Aníbal Bragança, com o texto “António Isidoro da Fonseca e frei José Mariano da Conceição Veloso: precursores”, e Márcia Abreu, com “Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros”, abrem as trilhas da leitura, recuperando, no caso do primeiro autor, aspectos da história das primeiras oficinas tipográficas em solo brasileiro, ainda no século XVIII, e, no caso de Abreu, mapeando, não sem dificuldades, os livros saídos do prelo da imprensa régia.

Vários capítulos têm como objeto a história de empresas importantes para edição no Brasil. Nem todas as editoras existentes são citadas, mas nomes relevantes para a formação cultural brasileira são trazidos à tona, revelando trajetórias admiráveis e surpreendentemente empreendedoras. Eliana Dutra (UFMG) apresenta, em “Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”, catálogos e publicações da importante Editora Garnier, responsável por grande parte das obras circulantes no país no século XIX; Maria Rita Toledo (Unifesp) apresenta uma história da Companhia Editora Nacional, em “A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros”; a editora Melhoramentos é foco da pesquisa de Gabriela Soares (pesquisadora do CNPq), em “Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidades das Edições Melhoramentos dos primórdios à década de 1960”; em “Editora Civilização Brasileira: novos parâmetros na produção editorial brasileira”, Guilherme Cunha Lima (UERJ) e Ana Sofia Mariz (Unicarioca) mostram a trajetória do editor Ênio Silveira e de seu empreendimento; a Companhia das Letras é objeto de estudo no capítulo de Teodoro Koracakis (Finep) intitulado “Uma história em processo: a Companhia das Letras de 1986 a 2006”; e Mateus Henrique Pereira (UFOP) apresenta a história da Editora Abril em “Na nossa terra, em se plantando, elefante dá: Editora Abril (1950-2006) e livros vendidos em bancas de jornal”.

Ao passo que alguns autores focalizam casas editoriais específicas e suas trajetórias de sucesso (ou mesmo os motivos de sua decadência), outros dão trato a aspectos mais gerais da produção e do mercado editorial no Brasil, abarcando principalmente o final do século XIX e o século XX. Alessandra El Far (Unifesp) faz uma abordagem brilhante do que chama de “edições baratíssimas” que circularam no século XIX em “Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX”; Marcia Razzini (Unicamp) dá um panorama local da produção de livros escolares no início do século XX em “São Paulo: cidade dos livros escolares”; Cilza Bignotto (Facamp) questiona a fama de revolucionário atribuída ao editor Monteiro Lobato em “Monteiro Lobato: editor revolucionário?”; a visualidade de livros de alfabetização é abordada por Isabel Frade (UFMG) em “Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX”; Marília de Araujo Barcellos (UFSM) apresenta “As pequenas e médias editoras diante do processo de concentração: oportunidades e nichos”, em que oferece um panorama bem mais contemporâneo do mercado editorial brasileiro; as editoras universitárias e sua produção são abordadas por José Castilho Marques Neto (Unesp) e Flávia Garcia Rosa (UFBA), em “Editoras universitárias: academia ou mercado”, texto em que os autores discutem a vocação das editoras ligadas aos centros de produção de conhecimento; a economia contemporânea do livro é apresentada nos resultados da pesquisa de Fábio Sá Earp (UFRJ) e George Kornis (UERJ), do ponto de vista propriamente comercial, daí se considerando uma atual e grave crise do mercado livreiro; as publicações dirigidas ao público infantil são abordadas por Antonio Hohlfeldt (PUCRS), em “Na história das publicações brasileiras, a criança também teve vez...”; Sandra Reimão (USP), abordando período recente, revela a história da censura de livros, em “Ditadura Militar e censura a livros: Brasil (1964-1985); e, focalizando tempos recentíssimos, a pesquisadora Sílvia Borelli (PUCSP) estuda um fenômeno atual em “Campo editorial e mercado: a série Harry Potter”.

*Impresso no Brasil* foi organizado de forma a levar o leitor a um passeio pelo tempo, visitando tipografias, editoras, editores, personagens, livros e leitores, de antes e de hoje. Mapeando o país, fazem parte da obra capítulos que lançam olhares sobre a produção editorial local, como é o caso de Denis Bernardes (UFPE), que apresenta “Impressos e liberdade: notas para uma história da tipografia em Pernambuco (1817-1850)”; ou de Socorro Barbosa (UFPB), que traz “Os intermediários da leitura na Paraíba do Oitocentos: livreiros e tipógrafos”; e de Luis Guilherme Tavares (Centro Universitário da Bahia) e Flávia Garcia Rosa (UFBA), que fazem “Apontamentos para a história do livro na Bahia”; e Elizabeth Torresini (PUCRS), que narra uma “Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX)”.

Na parte II, *Impresso no Brasil* agrupa trabalhos cuja preocupação se centra em outra ponta das redes do livro: a leitura e o consumo. São temas constantes a posse dos livros pelos leitores, as instituições e agremiações onde a prática da leitura se dava, a emergência de uma cultura letrada, o direito de autor, as leituras proibidas, entre outros. Luiz Carlos Villalta (UFMG) e Christianni Morais (UFSJ) apresentam, com base em pesquisa documental, o panorama da “Posse de livros e bibliotecas privadas em Minas Gerais (1714-1874)”; Marisa Midori Deaecto (USP) é autora de “A cidade e os livros: instituições de leitura e comunidades de leitores em São Paulo (1808-1831); Sandra Jatahy Pesavento (UFRGS) retoma “O que se lia na velha Porto Alegre: do romance da vida para a vida levada como um romance”; Felipe Matos (UFSC), também focalizando (e defendendo) uma história local, traz “Antigos tipos, novos leitores: circulação de cultura letrada e emergência da comunidade de leitores na ilha de Santa Catarina (Florianópolis, século XIX)”; em “Hileia das letras: periodismo e vida literária em Manaus”, Maria Luiza Pinheiro (Ufam) se desloca um pouco dos livros para focalizar a produção em jornais e periódicos; e Marcello Moreira (UESB) enfoca a “A nacionalização das letras da América portuguesa durante o romantismo”.

A coleção Eurico Facó é abordada por Giselle Venancio (UFF), no texto intitulado “Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção *Eurico Facó* (1815-1900); e livros de alfabetização (juntamente com os métodos de alfabetizar) são objeto do belíssimo texto de Francisca Maciel (UFMG), que apresenta “As mais belas histórias de Lili em Minas Gerais”.

A trajetória e as dificuldades da Academia Brasileira de Letras são tema do texto de João Paulo Rodrigues (UFSJ), também curiosa história dos debates sobre a vocação da instituição; o direito de autor é abordado por Lúcia Neves (CNPq) e Tania Ferreira (CNPq), no texto “Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de Estado no Brasil do século XIX”, trabalho que traz documentos e apontamentos interessantes para uma discussão atualíssima sobre autoria.

Os três últimos capítulos de *Impresso no Brasil* tratam de uma história recente, isto é, de uma história editorial ainda difícil de vislumbrar com olhar distanciado, no entanto, mesmo assim, não se diminuiu a dificuldade de recuperar fontes e documentos para as pesquisas dos autores. Ana Maria Galvão (UFMG) trata da popularização do que hoje conhecemos como literatura de cordel, em “Um impresso se populariza: o caso dos folhetos de cordel”; Maria Teresa Cunha (Udesc) constrói uma história de leituras “menores”, no capítulo intitulado “Do erotismo à pornografia: pílulas de comportamento nos livros de bolso de Corín Tellado e Carlos Zéfiro”, contrapondo as práticas leitoras de moças e de rapazes poucas décadas atrás; e Richard Romancini (Famec-SP), esforçando-se por conceber uma análise neutra e editorial, apresenta “Paulo Coelho e seus predecessores: um capítulo da história da leitura no Brasil”, em que analisa a trajetória do mago da literatura de massas.

É importante reiterar o cunho comemorativo de *Impresso no Brasil* e, principalmente, sua característica de obra de História, isto é, o leitor encontrará, neste imprescindível livro, textos que guiam por uma trilha da edição brasileira desde o século XVIII, ainda nas tipografias pré-1808, passando pelas casas editoriais que fizeram a diferença na formação cultural do país, até a constituição e a análise de objetos recentes, como os fenômenos Harry Potter e Paulo Coelho, mesmo diante de uma anunciada crise do mercado do livro (e do impresso, de forma geral).

É difícil destacar textos em uma obra tão regular e em cujo produto se pode enxergar o cuidado dos organizadores e editores. Saltam à memória da recente leitura, no entanto, o posicionamento do historiador Aníbal Bragança em relação a supostas proibições portuguesas à publicação de livros no Brasil pré-1808; a surpresa de conhecer produtos editoriais acessíveis no texto de Alessandra El Far; a coragem questionadora de Cilza Bignotto, ao tratar da figura de Monteiro Lobato; as histórias impressionantes das editoras que ainda conhecemos e que marcaram nossas vidas enquanto estudantes, crianças e adultos; o aroma de café com letras que rescende do texto de Marisa Deaecto; certa tristeza que nos toma na verificação dos dados apresentados por Earp e Kornis sobre a crise do livro; assim como a tensão da censura durante a ditadura militar; a delícia do texto de Sandra Pesavento sobre a relação vida/literatura; mesma delícia que nos toma ao ler sobre o Livro de Lili ou As mais belas histórias, nas palavras bem-escolhidas de Francisca Maciel. Dispondo *Impresso no Brasil* de poucas imagens (infelizmente), fica o gosto de curiosidade sobre os livretos pornográficos de Carlos Zéfiro, abordados por Maria Teresa Cunha. *Impresso no Brasil* é parte da biblioteca fundamental daqueles que estudam ou se interessam pela história editorial brasileira.